

O remo uruguaio em Tóquio: fios de emoções

Leonardo Pacheco¹

Universidade Federal de Alfenas

Resumo: O desempenho do remo uruguaio nos Jogos Olímpicos de Tóquio produziu uma série de discursos sobre felicidade e orgulho associados a identidade nacional e a comparação entre este esporte com o futebol. Inspirado em uma metodologia que se propõe a seguir contas (@nome) e hashtags (#tema) e seus fios, este artigo tem por objetivo analisar essas emoções, no contexto uruguaio, através das postagens de jornalistas esportivos e suas interações com espectadores/torcedores na plataforma digital Twitter.

Palavras-chave: remo; discursos; emoções; Jogos Olímpicos.

PACHECO, Leonardo. O remo uruguaio em Tóquio: fios de emoções. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (28): 475-488, janeiro a abril de 2025. ISSN: 2358-5587

¹ Professor Associado III de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/EEFFTO/PPGIEL). Doutor em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Sociologia da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

The Uruguayan rowing in Tokyo: emotion's threads

Abstract: The performance of the Uruguayan rowing team at the Tokyo Olympic Games produced a series of discourses about happiness and pride related with both national identity and the contrast between rowing and soccer. Inspired by a methodology that proposes to follow accounts (*@name*) and hashtags (*#themes*) and its threads, this article aims to analyze these emotions, in the Uruguayan context, through the posts of sports journalists and their interactions with spectators/fans in the *Twitter* digital platform.

Keywords: rowing; discourses; emotions; Olympic Games.

Remo uruguayo en Tokio: hilos de emociones

Resumen: La actuación del remo uruguayo en los Juegos Olímpicos de Tokio produjo una serie de discursos sobre la alegría y el orgullo asociados a la identidad nacional y la comparación entre este deporte y el fútbol. Inspirado en una metodología que propone seguir cuentas (*@nombre*); hashtags (*#tema*) y sus hilos, este artículo tiene como objetivo analizar estas emociones, en el contexto uruguayo, a través de las publicaciones de los periodistas deportivos y sus interacciones con los espectadores/hinchas en la plataforma digital Twitter.

Palabras clave: remo; discursos; emociones; Juegos Olímpicos.

A pesar de não ser frequente, não é estranho ao esporte uruguaio êxitos em Jogos Olímpicos. Em competições masculinas, medalhas de ouro foram conquistadas pelo futebol em 1924 e 1928 em Paris e Amsterdã respectivamente. O remo conquistou medalhas de prata em Londres em 1948 e de bronze em três outros jogos olímpicos 1932 em Los Angeles, 1948 em Londres, e 1952 em Helsinque. O basquete conquistou bronze em Helsinque em 1952 e Melbourne 1956, o boxe bronze em Tóquio em 1962 e o ciclismo prata em Sydney 2000.

Em Tóquio 2020 (Olimpíadas disputada em 2021 devido à pandemia de Covid-19), onze atletas em cinco modalidades diferentes representaram as cores uruguaias. Uma delegação bem modesta se comparada com a brasileira que levou 302 atletas ou com a holandesa (país com dimensões similares ao Uruguai) com 277 atletas. O desempenho também foi modesto. Não envolveu nem pódio e muito menos medalha. No entanto, a obtenção do sexto e último lugar na prova final de remo *Skiff Duplo Leve masculino*² movimentou parte da imprensa esportiva e despertou emoções efusivas naqueles que acompanhavam o evento e se manifestaram nas redes sociais.

Assim, o remo tornou-se durante dois dias (27 e 28 de julho) o principal tema entre jornalistas, espectadores e torcedores uruguaio. Estes atores sociais utilizaram as *hashtags* #REMOURUGUAY, #URUGUAYREMA, #RemaUruguay, #Remo, #Rowing em suas postagens e comentários para reagir e contextualizar o momento esportivo.

Ao contrário do que ocorreu com atletas e espectadores brasileiros durante os Jogos Olímpicos – pedidos de desculpas pelo desempenho e expectativas frustradas – os uruguaios não lamentaram a sexta colocação no remo. Houve comemoração. Os discursos e narrativas, tanto de jornalistas quanto de espectadores e torcedores, na plataforma digital *Twitter*, evidenciavam a felicidade e o orgulho da posição conquistada, ao mesmo tempo em que eram acompanhadas de denúncias de falta de apoio ao remo, acrescidas de algumas comparações com o futebol.

É nessa direção que o presente artigo pretende remar. Essa navegação será desenvolvida em dois “cursos d’água”.

O primeiro utiliza de material bibliográfico para caracterizar o remo. Assim, como identificam Cajé e Rial (2020), em um mapeamento da produção antropológica deste esporte no Brasil, há uma ausência de estudos sobre o remo nas Ciências Sociais Brasileiras. No levantamento realizado pelo autor e pela autora, a história e a educação física possuem mais bibliografia sobre o esporte. Em certa medida, há uma semelhança com o entrave de se encontrar publicações sobre remo no Uruguai. A despeito do reduzido número de bibliografia sobre o remo (no Brasil e Uruguai), identificou-se características que fazem desse esporte uma prática de origem elitista (suas lógicas e valores), segregacionista, racialmente

² O Skiff Duplo Leve ou *Double Scull* é uma modalidade do remo que utiliza de barco parêlho. Esse barco possui o peso de 27 kg e o comprimento de 10,40 m e é ocupado por dois remadores. Cada um desses remadores utiliza um par de remos curtos. Estes remadores são denominados pela posição e função que ocupam no barco. O Proa, aquele que se posiciona na proa do barco e é responsável pelo equilíbrio e o Voga, aquele que dá o ritmo da remada. Ademais, nessa modalidade de peso leve o barco deve ser formado por remadores de até 72 kg.

marcada pela branquidade (VIGOYA, 2018), predominantemente masculina, heteronormativa e de difusão por ingleses através de suas escolas e comerciantes. É importante destacar que o remo, assim como o futebol, particularmente e historicamente no contexto uruguaio, contribuem para a construção de uma identidade nacional prestigiosa associada a modernidade, progresso e urbanidade.

O segundo enfoca os discursos sobre as emoções de felicidade e orgulho. Evidenciam-se as formas e intensidades como essas emoções são mobilizadas nas postagens dos jornalistas e reverberam nas interações com os espectadores e torcedores de acordo com o desempenho dos remadores nas fases finais da competição de remo nos Jogos Olímpicos. Assim, percebe-se a emergência do tema da identidade nacional em relação ao remo e sua comparação com o futebol. Acrescenta-se a isso o escasso vocabulário e conhecimento das técnicas e dos termos relativos ao remo.

Antes de colocar o barco n'água é necessário oferecer algumas explicações sobre o recorte do objeto de pesquisa e a metodologia utilizada na coleta de dados. Há uma certa arbitrariedade na escolha de um recorte de pesquisa. No caso deste artigo há um recorte duplo. Pois é um recorte proveniente de uma pesquisa em andamento³ que tem por objetivo realizar um estudo comparativo dos discursos sobre futebol e política expressos por jornalistas esportivos homens do Brasil e do Uruguai. Jornalistas que trabalham em emissora de rádio e possuem contas (@nome) na plataforma digital Twitter. Nesta pesquisa sobre futebol e suas dimensões políticas, 41 jornalistas de Belo Horizonte e 35 jornalistas de Montevideu integram o recorte, ao passo que nesse artigo a coleta se deu entre as @ de 35 jornalistas de cinco rádios de Montevideu (Sport 890, 970 Universal, Carve 850, Fenix 1330 e La 1010), @ de um dos remadores, @ do clube de remo *Montevideo Rowing Club* e as *hashtags* #REMOURUGUAY, #URUGUAYREMA.

A estratégia metodológica foi a seguinte: durante os dias 27 e 28 de julho de 2021 – os dias da semifinal e final das provas de remo *Skiff* Duplo leve masculino – as contas e as *hashtags* indicadas foram seguidas. Esta estratégia de seguir contas (@nomes) e *hashtags* (#TEMA) está inspirada na perspectiva de Marcus (1991, 1995). Este autor, ao refletir sobre os dilemas que a antropologia precisava enfrentar para compreender as construções de identidades na contemporaneidade, argumenta que é necessário aprender como relações locais e globais dialogam. Por isso, ao estudar identidades, os pesquisadores não poderiam se contentar em desvendar somente as relações locais, mas deveriam ir além e atentar para o diálogo estabelecido entre as multilocalidades. Para tal, era necessário movimento. Na perspectiva deste autor, uma etnografia em movimento seria construída por fios, caminhos, redes, tópicos, desafios, justaposições e conexões os quais o pesquisador deveria seguir. Nesse concepção seria possível (e necessário) seguir pessoas (seguir a trajetória de grupos e seus movimentos), seguir coisas (a circulação de objetos, dinheiro, *commodities*, obras de arte), seguir metáforas (circulação de símbolos e categorias), seguir controvérsias (tramas, conflitos, histórias de vida).

É importante ressaltar que seguir contas e *hashtags* através de coleta manual (*printscreen*) pressupõe certos limites. O volume de dados produzidos nas redes sociais, e especificamente nessa plataforma digital (*Twitter*), é gigantesco. Dessa forma, a coleta sempre será parcial, ao passo que as narrativas, temas, conflitos quando não são polifônicas, beirando a cacofonia, confundindo e repetindo *ad*

³ “Nos fios das controvérsias: um estudo comparativo sobre mídia, futebol e suas dimensões políticas em Belo Horizonte e Montevideu” é uma pesquisa que conta com o fomento do Edital de Demanda Universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

nauseam, e, se encerram abruptamente sem serem concluídas. É nesse cenário que as informações coletadas nesse artigo foram selecionadas para a análise e reflexão.

O remo (uruguaio)

Caudwell (2011) utiliza da polifonia para realizar uma narrativa de sua experiência como remadora e acadêmica. Nessa narrativa multitextual o remo é apresentado como um esporte elitista e exclusivista, masculino (machista), branco (com viés de difusão de dominação hegemônica colonialista: a autora se refere a Austrália e Nova Zelândia, mas será que não poderíamos nos referir, na mesma medida, ao Brasil e ao Uruguai?), heteronormativo e toxicamente competitivo. Nas palavras da autora: “We’d sit and discuss the sociocultural dimensions of the club and rowing. We both knew it was highly disciplined and disciplining, male-dominated, white, heteronormative, but we couldn’t give it up” (CAUDWELL, 2011: 122).

Assim, como Caudwell, outros autores que se debruçaram sobre o remo indicam o caráter elitista e exclusivista do esporte. Chandler (1991) ao assinalar as origens da difusão de esportes, como *cricket*, *rugby* e remo, na Inglaterra, chama a atenção para a importância do sistema educacional daquele país. É no bojo de uma reestruturação das escolas públicas e das experiências dos alunos destas que ingressam nas universidades é que se forma uma cultura gentrificada de prática de diversos esportes. Como argumenta Chandler (1991), foi devido a organização e sistematização de regras criadas em escolas e universidades é que competição entre instituições foi possível. A difusão territorial dessas regras permitiu não somente a expansão do remo, mas também a retroalimentação de estilos de vida, valores e pertencimentos compartilhados entre as escolas públicas e as Universidades de Oxford e Cambridge – “this was the start of a cohesive establishment elite” (CHANDLER, 1991: 176).

Portanto, os agentes de difusão do remo vieram das elites inglesas. São homens, brancos, colonizadores que levam esse e outros esportes, conjuntamente com uma série de valores relacionados a práticas esportivas, para além de suas fronteiras. Portanto uma camada privilegiada que se beneficia de suas próprias ideias construídas sobre a identidade nacional pretensamente homogênea. É isso que indica Maria Viveiros Vigoya quando argumenta sobre o empenho da elite nacional colombiana em criar um relato unificado sobre a identidade nacional: “Os únicos que puderam se beneficiar totalmente da modernidade foram os homens brancos heterossexuais das classes superiores que monopolizaram as regras de controle moral e privilégio de honorabilidade” (VIGOYA, 2018: 139).

No caso brasileiro, e mais especificamente no Rio de Janeiro, Melo (2009) discorre sobre como o remo foi disseminado por membros da elite – integrantes de clubes constituídos por imigrantes ingleses. Esse autor argumenta que o esporte foi associado a um novo estilo de vida moderno e urbano. Esse estilo de vida enfatizava a vida saudável e corporeidade disciplinada, entre outras características, como valores constituintes da modernidade europeia.

No final do século XIX, o remo ganhou espaço e prestígio na cidade, sendo adequado às modificações que se estabeleciam em sua ordem sociocultural, ligado mais diretamente a um setor das elites com características urbanas. Para a ocupação e principalmente para o desenvolvimento do esporte náutico, foram fundamentais o delineamento de uma cultura urbana, o enaltecimento de padrões saudáveis de vida e de um corpo belo e forte, a difusão do “pensamento

científico”, a emergência e valorização do lazer, as buscas de novas formas de sociabilidade (MELO, 2009: 64).

Portanto, estilo de vida e valores que criavam unidade e pertencimento aos membros da elite através do remo, mas que pretendia abranger estratos sociais mais populares, desde que fossem espectadores e ocupassem espaços segregados nas regatas dominicais.

Ora, mas não é justamente essa lógica exclusivista e de segregação elitista que Rojo (2016) percebe nos clubes de vela quando se debruça sobre as diferentes percepções de cidadania? Certamente é preciso levar em consideração que a observação desse autor se dá em outro contexto histórico e pela perspectiva antropológica. Mas, a segregação espacial e de controle do tempo livre entre os praticantes desse esporte náutico favorecidos pelo projeto social e os sócios e os familiares do clube de vela são bem demarcados. Não obstante a pluralidade de sentidos da categoria cidadania, ela reforça segregações e pertencimentos. Segrega, numa ilusão de inclusão, jovens de camadas populares que necessitam de atividades para não se tornarem marginais e vinculam jovens de camadas médias e altas, filhos dos sócios praticantes ou não de vela, que necessitam (nos entendimentos de seus próprios pais) de disciplina e espírito competitivo para enfrentar os desafios da vida porvir.

Assim como o elitismo e a segregação, a questão das masculinidades e virilidades são importantes para compreender os esportes náuticos e o remo em particular. Tanto Rojo (2012), quanto Bandeira (2018), um na vela em Niterói e a outra no *rafting* em Brotas, indicam que os espaços no barco e na água são predominantemente masculinos. Ambos argumentam que essas masculinidades são construídas em sua multiplicidade associada a modalidade praticada e da posição ocupada no barco. Mesmo que haja disputas entre hegemonias e alternativas, ainda assim todas essas masculinidades e virilidades devem, de um modo ou de outro, saber “ler o rio” e “sentir o vento”, como apontam essa autora e esse autor.

Quando estuda o remo em Florianópolis, Cajé (2020) identifica transformações nas experiências de masculinidade – pois que são experiências historicamente situadas – nesse esporte. Todavia é categórico na afirmação de que:

no contexto do remo em Florianópolis entre os anos de 1915 e 2019. [...] revela-se a fabricação de uma masculinidade hegemônica, branca, heterossexual, cultural e historicamente localizada, advinda do discurso de modernidade que se instalou na capital catarinense no final do Século XIX e se afirmou graças a prática do remo. (CAJÉ, 2020: 109)

Assim como no Brasil, no Uruguai as origens de vários esportes, incluindo o remo, também estão ligadas a difusão inglesa e de valores ligados a modernidade e ao mundo urbano eurocêntrico (LABORIDO, 2020; RODRÍGUEZ, 2007; CAETANO, 2019).

No contexto uruguaio, os principais clubes que contribuíram para difundir o *cricket*, o remo, o *rugby* e depois o futebol, a natação e o polo-aquático foram o *Montevideo Cricket Club* e o *Montevideo Rowing Club*. Dentro desses clubes são os atores sociais ligados às coletividades inglesas, provenientes das escolas inglesas criadas por imigrantes em Montevideu, que levam a cabo a fundação e incorporação de uma série de esportes na capital uruguaia. Segundo concebem Laborido (2020) e Rodríguez (2007), os clubes mencionados têm importância fundamental para a difusão e desenvolvimento do remo e do futebol. Primeiro porque foram neles que se organizaram as competições e desafios iniciais entre clubes nesses esportes e, em seguida, porque é através das tensões entre sócios *criollos*

e ingleses do *Montevideo Rowing Club* e de suas dissidências que surge um dos principais clubes de futebol uruguaio, o Nacional.

O futebol, mais que o remo, colaborou, nas décadas de 1920 e 1930, para dar forma ao entusiasmo de construção do imaginário integrador de um Estado-Nação uruguaio. Caetano (2019) chama a atenção que o imaginário de um povo homogeneizado é arquitetado e fomentado por discursos da elite nacional *criolla*. Discurso que coloca ênfase na visão de um país cosmopolita de perfil eurocêntrico. País urbano que possui em suas fileiras um povo harmônico e civilizado. País que possui valores ligados a laicidade, secularização e legalista das práticas cotidianas e ainda é politicamente ativo – democrático e pluralista. Todas essas características contribuem para diferenciar e singularizar a identidade uruguaia dentro da América Latina e o do Mundo.

Essas características definidoras da identidade uruguaia se amplificam na medida em que o futebol vence as Olimpíadas de 1924 e 1928 e, na sequência, a Copa do Mundo de 1930 e, no pós-guerra, a de 1950. As medalhas do remo nos Jogos Olímpicos de 1932, 1948 e 1952 complementam ainda mais esse imaginário. No bojo destes êxitos, percebe-se a relevância do *Montevideo Rowing Club* como o clube que possui uma linhagem de remadores olímpicos bem-sucedidos. É deste clube os atletas que conquistaram as medalhas de bronze e prata no remo Olímpico em Los Angeles, Londres e Helsinque. E é deste clube que os atletas Bruno Cetrano Berriolo e Felipe Kluver Ferreira saem para representar o Uruguai no remo em Tóquio.

Emoções e seu fios em Tóquio

A abordagem sobre esporte e emoções⁴ aqui examinada se aproxima da de Rojo (2021). Este autor argumenta que as emoções nos esportes podem e devem ser pensadas como linguagens, portanto discursos, consideradas nas suas dimensões contextuais e situacionais. Se compreendidos como linguagens culturais e contextualizadas, tanto os sentimentos de felicidade, alegría, happiness, quanto o sentimento de orgulho, orgullo e pride, possuem significados distintos em países de língua portuguesa, espanhola e inglesa. Essas diferenças apresentam desafios quanto sua tradução cultural. A despeito desse desafio, não me furtei em arriscar a compreensão dessas emoções, mesmo que utilizando de lentes brasileiras em um contexto castelhano.

No decorrer dos Jogos Olímpicos os discursos de felicidade e o orgulho em relação ao desempenho do remo uruguaio aparecem em dois momentos. No primeiro, no dia 27 de julho em decorrência da obtenção da vaga para final, pode-se verificar que o orgulho está acompanhado de níveis de efervescência crescentes e suplementado de uma sensação de surpresa. O que inflama o orgulho nacional de alguns jornalistas (emoticons da bandeira uruguaia e de remadores acompanham as postagens, assim como hastags que fazem menção ao remo e ao país), fazendo com que vários revelem, sem constrangimento, o conhecimento escasso sobre o esporte.

⁴ É bastante curioso que algumas emoções quase não são abordadas nos estudos socioantropológicos (dos esportes). Se por um lado o amor, amizade, medo, a ansiedade, sofrimento, depressão, a vergonha e a honra são frequentemente pensados e problematizados, como bem apresentam os trabalhos de Rezende e Coelho (2010), Le Breton (2009), Elias (1994), Velho (2004) e Koury (2003), outras emoções, como a felicidade (ROCHA, 1990; LIPOVETSKY, 2007) e o orgulho são menos explorados. Talvez, essa seja uma característica da modernidade tardia que contribui para as inseguranças ontológicas do eu e faz de certas emoções mais evidentes que outras (GIDDENS, 2002).



Figura 1 – “Alegría y Orgullo”. Fonte: Banco de Dados do projeto de pesquisa – “Nos fios das controvérsias”

Chama a atenção a maneira como no Uruguai, assim como no Brasil (CAJE e RIAL, 2020), há uma proximidade relacional entre remo e futebol. No contexto uruguaio, o futebol tornou-se a medida para dar relevância e comemorar a conquista no remo. Por um lado, pode-se conjecturar que essa foi uma estratégia jornalística – associar remo e futebol – contribuiu para aproximar e familiarizar os espectadores com o esporte. Por outro lado, essa estratégia pode indicar a ausência de conhecimento e de vocabulário, dos jornalistas esportivos, para analisar tecnicamente o desempenho em Tóquio. Assim, a comemoração é ligada ao sentimento de se gritar um gol e a competição final do remo deve ser comparada em importância a uma final de Copa do Mundo de futebol.



Figura 2 – Futebol x remo. Fonte: Banco de Dados do projeto de pesquisa – “Nos fios das controvérsias”

“Uruguay no má!” e “remo no má!”, encurtamento de “en Uruguay no más es posible, en ningún outro lado”⁵, é a constatação expressiva exaltada da importante façanha realizada distante do território nacional e que coloca em pauta a dimensão da identidade nacional (LÓPEZ, 2015). Em que pese, como lembra Oliven (2016), a heterogeneidade das nacionalidades e a disputa entre diversos grupos pela sua homogeneização – e não esquecendo as características do remo como esporte de elite – não se verifica neste instante vozes dissonantes.



Figura 3 – “Uruguay No má!”. Fonte: Banco de Dados do projeto de pesquisa – “Nos fios das controvérsias”

Afinal o que se revela é o sentimento de “Onde mais; senão no Uruguai, para acontecer uma façanha destas”. Este país pequeno – Gerard Caetano (2019) contesta essa ideia de dimensão diminuta, apontando que é um imaginário construído para compor a identidade nacional, mais do que uma característica real – com todas as carências e adversidades jogando contra: adversários mais bem equipados, com maiores condições financeiras e técnicas, pouco apoio e sem políticas públicas direcionadas ao remo. Atletas que com todas as dificuldades não envergonham o país. Pelo contrário, se sacrificam e superam as expectativas. Ora, é possível constatar nesses discursos, o que ressalta Grumbrecht (2007) quando associa esporte, felicidade e orgulho: no caso de conquistas, essa associação é refletida na gratidão e no sentimento de pertencimento a uma comunidade. Hui-zinga (2005) já havia percebido essa conexão cultural entre jogo, conquista, indivíduo e coletividade. No jogo, o êxito individual se espalha para a coletividade. Confere ao indivíduo honrarias e à coletividade prestígio e orgulho. Reforça uma identidade positiva e dá um sentido de continuidade de pertencimento (DUQUIN, 2000).

Além disso, o que chama a atenção é a ausência de um nacionalismo bélico, marcado por hostilidades a uma alteridade: não há menção aos inimigos a serem aniquilados (MBEMBE, 2020). O que se sobressai nos discursos de jornalistas e espectadores no *Twitter* é a celebração do orgulho da identidade nacional, acrescido da superação de desafios e do sacrifício, fazendo da identidade uruguaia única e distinta. A diferenciação identitária, “nós *versus* eles”, se apresenta na

⁵ Agradeço a generosidade e paciência da professora Lia Ferrero da Universidad Nacional de José C. Paz (IESCODE-UNPAZ) e Universidad Nacional de La Plata (UNLP), por me auxiliar no entendimento dessa expressão.

sensação de que se possuísem os mesmos recursos financeiros, equipamentos adequados e sustentados por políticas sociais os uruguaios seriam imbatíveis. Já que sem estes benefícios competiram valorosamente com países que amparam os atletas dessa modalidade com todos os recursos disponíveis.

No segundo momento, no dia 28 de julho, a felicidade e o orgulho se apresentam de maneira diversas antes e depois da prova final. Antes da prova final há a expectativa de repetir um feito histórico – uma medalha que foi conquistada no longínquo ano de 1952 em Helsinque. Verificam-se doses generosas de expressões ligadas à felicidade e ao orgulho nas postagens, inclusive na conta de um dos remadores no *Twitter*.



Figura 4 – “Orgulho nacional”. Fonte: Banco de Dados do projeto de pesquisa “Nos fios das controvérsias”

Assim como no dia anterior, antes do início da competição decisiva, excitação, felicidade e orgulho nacional se entrelaçam formando uma comunidade de pertencimento. Em conjunto a esses sentimentos, emerge a sensação de que a façanha já foi atingida e que o que está porvir é um excedente. Dessa forma, não há cobranças por medalhas de forma explícita, mas um incentivo para que os atletas se divirtam. Como se trata de uma competição de alto rendimento, esse alento torna-se um tanto desgarrado do que se espera de atletas nesses contextos. Mas há uma lógica nessa demanda torcedora. Tudo se passa como se os torcedores quisessem tirar o peso e a responsabilidade dos atletas por qualquer resultado adverso. E, ao mesmo tempo, contraditoriamente, aumentar a possibilidade de alcançar um êxito inédito. Uma esperança de que sem o peso da responsabilidade e pressão, tudo se tornaria possível, até uma medalha.

A partir da consolidação do resultado os discursos se alteram. A felicidade e o sentimento de orgulho dão lugar à ideia de conquista excepcional e o futebol, novamente, se apresenta como medidas nas comparações. Não obstante os estereótipos (como a garra desprovida de técnica e o jogo viril como substituto da organização tática) ligados ao futebol que contribuíram para sua derrocada histórica em termos de títulos e diminuição da relevância da *Celeste Olímpica* no

Mundo, Bayce (2003) argumenta que esse esporte ainda é a força motriz da identidade nacional uruguaia. Deste modo, o discurso sobre identidade e orgulho nacional passa a ser uma disputa entre as últimas “conquistas” dos dois esportes.



Figura 5 – Agregado das associações entre futebol e remo. Fonte: Banco de Dados do projeto de pesquisa “Nos fios das controvérsias”

A disputa se dá através de vozes que não mais se unificam em homogeneidade. A ênfase na péssima fase que se apresenta a seleção uruguaia – não emociona, não mobiliza sentimento de orgulho nacional, somente apatia e desinteresse – é o que salientam os discursos. E se tratando de recursos financeiros disponíveis para cada esporte, a conquista do sexto lugar do remo nas Olimpíadas deveria causar mais efusão e alegria do que a conquista do quarto lugar da seleção uruguaia de futebol na Copa do Mundo de 2010. Os jornalistas são cobrados pela pouca cobertura do remo e da ausência de alegria verdadeira com a conquista. Além de tudo, surgem movimentos para que a recepção dos remadores no aeroporto seja parecida à recepção dos futebolistas: saguão lotado, bandeiras e gritos de apoio.

Ao fim e ao cabo, esses movimentos são desidratados pelas condições epidemiológicas provenientes da pandemia de Covid-19. O voo que traz os atletas de Tóquio precisa realizar uma escala em Buenos Aires e fica retido por lá durante um dia. A mobilização de recepção arrefece juntamente com a efervescência do orgulho nacional. Somente a conta do *Twitter* do *Montevideo Rowing Club*, ainda que timidamente, continua informando da chegada e da recepção dos atletas. Os jornalistas se silenciam sobre o remo e retornam seus olhares para o futebol. A felicidade e o orgulho nacional deixam as águas revoltosas das emoções e seguem o seu fluxo apaziguado novamente.

Considerações finais

Sem pódio e sem medalha. Esta foi a realidade da delegação olímpica uruguaia. No entanto, o sexto lugar do remo provocou sentimentos de felicidade e orgulho que acionaram os discursos e narrativas, entre jornalistas, espectadores e torcedores, na plataforma digital *Twitter*. Nos fios que agrupavam e interagiam esses atores sociais, a identidade nacional, através de emoções, ficou em evidência uma disputa entre o remo e futebol.

A comemoração do desempenho do remo está associada a essa disputa em comparação ao futebol. Não somente evidenciam as diferenças de recursos financeiros, apoio público e afetivo entre os dois esportes, como também apontam para a situação do futebol uruguaio: seu malogro em orgulhar e prover de felicidade o país.

Não obstante, é o futebol que se torna o meio pelo qual a emoção desencadeada pelo com o remo pode ser expressa de forma a atribuir o sentimento de pertencimento coletivo e a valorizar a identidade uruguaia. Essa valorização se dá na percepção, entre os interlocutores na rede social, que uma façanha foi testemunhada. Contribuem para essa percepção os discursos de carências e suas superações através do sacrifício e da perseverança. Os sentimentos de felicidade e de orgulho atrelados a um desempenho exitoso, mesmo sendo a última colocação na final Olímpica de remo, – um esporte com características elitista, segregacionista, predominantemente masculino e branco, heterossexual e heteronormativo – possui coerência a partir do momento em que se compreende o contexto em que foi possível alcançar essa conquista, qual seja, uma ausência de recursos destinados ao esporte olímpico, o desconhecimento e invisibilidade do remo, o diminuto efetivo de atletas selecionados para a competição olímpica e a carência de pertencimentos afetivos e comunitários ligados ao principal esporte uruguaio: o futebol e a *celeste olímpica*.

Recebido em 18 de abril de 2023.

Aprovado em 10 de janeiro de 2025.

Referências

BANDEIRA, Marilia Martins. Ler o rio, entender com o braço e remar como um só: estudo etnográfico sobre corpo, técnica e aprendizagem na navegação de rios de corredeira em bote ou rafting. *Esporte e Sociedade*, 31: 1-28, 2018.

BAYCE, Rafael. “Cultura, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos em el caso del fútbol uruguayo”. In: ALABARCES,

Pablo (org.). *Futbologias: fútbol, identidade y violência em América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. pp. 163-176.

CAETANO, Gerardo. *Historia mínima de Uruguay*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2019.

CAJE, Cristhian. “Os vencedores cheios de glória”: articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

CAJE, Cristhian; RIAL, Carmen. Remando em águas da antropologia: mapeamento da produção antropológica sobre o remo nas Ciências Sociais brasileiras. *Novos Olhares Sociais*, 3 (1): 152-177, 2020.

CARRIÓN LÓPEZ, Jorge. El orgullo del compatriota. Discurso, ideología y nacionalismo banal en El País. *Mediaciones Sociales*, 14: 41-58, 2015.

CAUDWELL, Jayne. “Easy Oar!”: rowing reflections. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 3 (2): 117-129, 2011.

CHANDLER, Timothy. Games at Oxbridge and the public schools, 1800-1880: the diffusion of an innovation. *International Journal of the History of Sport*, 8 (2): 171-204, 1991.

DUQUIN, Mary. “Sport and emotions”. In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. (Ed.). *Handbook of sports studies*. London/Thousand Oaks/New Delhi: SAGE Publications, 2000. pp. 477-489.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GRUMBRETCH, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LABORIDO, Gastón. El surgimiento del primer club de remo em Montevideo: el Montevideo Rowing Clud (1874). *História (s) do Sport*. Rio de Janeiro, 17 de julho de 2020.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. “Homo felix: a grandeza e a miséria de uma utopia”. In: *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 333-370.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia (USP)*, 34: 197-221, 1991

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24: 95-117, 1995.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

MELO, Victor Andrade de. “Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil”. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor. A. (orgs.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. pp. 35-70.

OLIVEN, Ruben George. “A atualidade da nação”. In: SALLUM Jr., Brasília *et al.* (orgs.). *Identidades*. São Paulo: EdUSP, 2016. pp. 125-144.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROCHA, Everardo. “O estranho mundo dos anúncios”. In: *Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. pp. 23-36.

RODRÍGUEZ, Alejandro Giménez. Presencia inglesa em el Uruguay a través del fútbol. *3er Seminario Regional de Ciudades Fortificadas*. 17 y 18 de Mayo de 2007.

ROJO, Luiz Fernando. “Emoções e esporte em diálogo”. In: CAMARGO, Wagner Xavier; PISANI, Mariane; ROJO, Luis Fernando (orgs.). *Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira*. Brasília/Curitiba: ABA Publicações/Brazil Publishing, 2021. pp.183-192.

ROJO, Luiz Fernando. “A vela como um espaço de construção e transmissão de valores”. In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo; GIGLIO, Sergio (orgs.). *Entre jogos e copas: reflexões sobre uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2016. pp. 307-324.

ROJO, Luiz Fernando. Os múltiplos corpos da vela. *Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas*. Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas. Agosto, 2012.

VELHO, Gilberto. “Projeto, emoções e orientação em Sociedades Complexas”. In: *Individualismo e cultura: notas para uma sociologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. pp. 13-38.

VIGOYA, Mara Viveiros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.